



Pico do Refúgio é o cenário inspirador dos artistas que participam no programa



Quinta foi casa da escultora Luísa Constantina



Luís Bernardo Brito e Abreu quer dar centralidade à ilha

O pico que se tornou refúgio para artistas

No Pico do Refúgio, o turismo alia-se à produção artística. Programa de residências já trouxe nomes consagrados

PAULA GOUVEIA
pgouveia@acorianooriental.pt

Pico do Refúgio é o nome da propriedade que olha do alto de um pequeno monte a costa norte da ilha de São Miguel. Esta casa de família com quase 400 anos, que já foi forte de milícias durante as lutas liberais, e se dedicou ao cultivo de laranjas, e também de chá para a fábrica “Ataíde”, transformou-se em unidade de turismo rural há oito anos, e desde 2015, passou a ser também residência temporária de artistas, à procura de um espaço inspirador para criar.

Criar um programa de residências artísticas no Pico do Refúgio foi a forma que Luís Bernardo Brito e Abreu encontrou para dar continuidade à tradição artística

da casa onde viveu a sua mãe, a escultora Luísa Constantina, e que os seus avós, a pintora Maria Luísa Ataíde e o pintor e escritor Luís Bernardo Leite Ataíde, utilizavam como casa de férias.

“Havia já uma tradição de trazer artistas cá, mas não era muito formal”, conta Luís Bernardo Brito e Abreu. “Nos anos 80, a minha mãe convidava artistas estrangeiros ou alunos dela de escultura da Escola de Belas Artes de Lisboa. E o culminar destes convites foi um simpósio de escultura em basalto que ela organizou em 89 (salvo erro). Na altura vivíamos em Nova Iorque e vieram escultores conhecidíssimos”, lembra Brito e Abreu.

Foi também de uma forma pouco formal, que o programa de residências artísticas surgiu há pouco mais de um ano. “A primeira residência foi empírica – era um coletivo de designers industriais que queria desenvolver um trabalho com basalto. Propus-lhes virem por um mês, com estadia oferecida, e em troca teriam de desenvolver peças de mobiliário para a unidade de turismo rural. Aceitaram. Passaram a palavra. E

logo depois, veio o fotógrafo António Júlio Duarte que voltou agora no início deste mês com um coletivo”, explica Brito e Abreu que, depois de 21 anos como oficial da Marinha, está a dias de concluir o mestrado em Arquitetura, na Faculdade de Arquitetura de Lisboa.

“O programa tem evoluído: há um fio condutor” e “já tenho de fazer as marcações com um ano de antecedência”, diz. No Pico do Refúgio, a equipa é pequena. “Trabalho com dois casais – um que ali vive há 40 anos, é praticamente família, e é a alma do espaço; e com outros dois amigos de Lisboa – ele é fotógrafo e ela é designer” que se mudaram para a ilha. “Os artistas são convidados por mim e pelos meus colaboradores, mas muitas vezes são sugeridos por residentes anteriores”, explica. Tudo é feito com recursos próprios, o que “dá-nos a liberdade de escolher, mas também limita-nos”, confessa.

“Despoletou-se um interesse que não estávamos à espera” e o Pico do Refúgio tem agora uma lista de espera de quase um ano para o programa de residências artísticas. “Começámos a ter ar-

tistas internacionais que querem vir, mas é um esforço de investimento grande”, diz Brito e Abreu que prevê, contudo, que o programa evolua e possa vir a tomar outro formato.

Para já, o Pico do Refúgio oferece, no âmbito do programa de residências artísticas, viagem, estadia, viatura e apoio ao nível de contactos locais, e em troca pede uma peça do seu trabalho para ficar na coleção do Pico do Refúgio e que fica sempre exibida publicamente. “A ideia é dar a conhecer os Açores, São Miguel, aos artistas – que ficam fascinados; e ao mesmo tempo dar a conhecer à comunidade local, artistas que não viriam de outra forma”.

No ano passado, quando abriu o Arquipélago Centro de Artes Contemporâneas, estabeleceu-se uma cooperação: “damos apoio a alguns dos eventos do Arquipélago, e o centro recebe os nossos convidados, durante um dia, como o culminar da residência artística no Pico do Refúgio, ocasião em que muitos vão falar sobre o seu percurso – “não mostrar o trabalho que desenvolveram durante a residência, porque na maior

parte dos casos precisam de amadurecer a recolha que fizeram”. “Como grande parte dos artistas que temos tido, são artistas consagrados, acaba por ser uma altura para a comunidade local ter acesso a estas pessoas”, sublinha.

“Seria excelente haver ‘budget’ para trazer artistas de mais longe, poder financiar-lhes gasolina, alimentação, e eventualmente, fazer publicações ao fim de um período de tempo”, diz Brito e Abreu, proprietário desta quinta, por onde já passaram nomes como o de Daniel Blaufuks, “grande fotógrafo, pesquisador das questões da memória e do pensamento que volta este ano para concluir a residência” ou do vocalista e guitarrista dos Sonic Youth, Thurston Moore, “um dos meus ídolos da adolescência” que “esteve em minha casa para escrever o novo álbum”.

“O que me dá mais prazer nisto tudo é, através de um espaço e de um programa, conseguir fazer de um lugar que é muito marcado pela sua insularidade um lugar de centralidade durante um período de tempo. E que cada vez mais fique na boca do mundo”, confessa. ♦